



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Thiago Santos Facina

“Eles que se matem”: notas sobre o varejo de drogas ilícitas nas favelas
cariocas

Rio de Janeiro
2013

Thiago Santos Facina

“Eles que se matem”: Notas sobre o varejo de drogas ilícitas nas favelas cariocas



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. João Trajano de Lima Sento-Sé

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

F141 Facina, Thiago Santos
“Eles que se matem”: notas sobre o varejo de drogas ilícitas nas favelas
cariocas / Thiago Santos Facina – 2013.
64f.

Orientador: João Trajano de Lima Sento-Sé.
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Unidade de Polícia Pacificadora (Rio de Janeiro, RJ) – Teses.
2. Violência - Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Educação comunitária -
Rio de Janeiro (RJ) – Teses I. Sento-Sé, João Trajano de Lima.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 333.326(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Thiago Santos Facina

“Eles que se matem”: notas sobre o varejo de drogas ilícitas nas favelas cariocas

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 03 de dezembro de 2013.

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Trajano de Lima Sento-Sé (orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Valter Sinder
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Paulo Jorge Ribeiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ

Rio de Janeiro

2013

AGRADECIMENTOS

Ao corpo docente do PPCIS pelas aulas e contribuições.

Aos membros da Banca Examinadora por aceitar o convite para a defesa.

Ao João Trajano pelo tempo que estamos trabalhando juntos nessa dissertação, a paciência, motivação e a camaradagem que tivemos.

Ao amigo Ronaldo Pelli pelas conversas sobre o tema.

À Lola que está em tudo que faço sempre com amor.

Aos meus pais principalmente minha mãe, Mirian, pela ajuda de toda a vida e pelo exemplo como professora.

Ao meu irmão Pablo, que esteve comigo em toda a jornada descrita nas páginas seguintes. Sempre meu melhor amigo.

Às quintas poéticas e aos Sacripantas.

Aos que não pude citar o nome na pesquisa: meus vizinhos das favelas em que morei e meus amigos usuários de tóxicos. Devo o trabalho a eles.

“Se você quiser escrever sobre a sociedade, terá de conhecê-la em primeira mão, e, em particular, terá de saber sobre os lugares acerca das quais pessoas respeitáveis têm pouca experiência: “o *dancing*, os conjuntos habitacionais, as marchas de protesto, a gangue de jovens e os lugares escuros que a maioria de nós conhece apenas como insinuações obsedantes do possível”.

Howard Becker

RESUMO

FACINA, Thiago Santos. *Eles que se matem*: notas sobre o varejo de drogas ilícitas nas favelas cariocas. 2013. 52 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Este trabalho tem como objetivo analisar um discurso comum na cidade do Rio de Janeiro utilizado em relação aos moradores de favelas e traficantes de drogas durante mais de vinte anos. Aqui reduzido à forma “eles que se matem” para efeito de análise, o discurso e suas variáveis contribuíram para legitimar e fomentar a guerra que ocorre até hoje entre traficantes varejistas de drogas das favelas e entre eles e a polícia na cidade.

Palavras-chave: Tráfico de drogas. Rio de Janeiro. Polícia.

ABSTRACT

FACINA, Thiago Santos. *Let them kill themselves. Notes about the retail of illegal drugs in Rio de Janeiro's favela*. 2013. 52 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This paper aims to analyze a common speech in the city of Rio de Janeiro concerning to favela's residents and drug dealers, for over the last twenty years. Here, reduced to the form of "let them kill themselves" for analyzes purposes, the text also focus on how that speech and its variables have contributed to legitimize and enhance the war happening nowadays among drug dealers and the police in favelas of our city.

Keywords: Drug dealers. Rio de Janeiro. Police.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	METODOLOGIA DA PESQUISA	9
1.1	Introdução ao método	9
1.2	Detalhamento do método	10
1.2.1	<u>A seleção do objeto de estudo</u>	10
1.2.2	<u>A coleta de dados</u>	14
1.2.3	<u>A escrita</u>	18
1.3	Afinal, qual é o problema?	25
2	ELES QUE SE MATEM	27
2.1	Proibição indiscriminada dos tóxicos	30
2.2	Percepção de pobreza e favela	35
2.3	Noção de segurança pública	37
2.4	O discurso sobre traficantes varejistas de drogas pelos moradores das favelas	44
	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	51

2 ELES QUE SE MATEM

No livro “Nobres e Anjos” Gilberto Velho faz uma análise sobre a maneira como dois grupos definem sua utilização de drogas ilícitas. Quando chegamos ao fim do livro surge um detalhe na conclusão: o autor assume fazer parte do principal grupo pesquisado. Ele não diz ser usuário de drogas, mas conta que faz parte daquele círculo de amigos. Simples assim, a discussão não se alonga, surge como um detalhe na conclusão do livro.

Aqui parto do princípio oposto: assumi a posição como membro de certo grupo, levantando a discussão a respeito, logo no início da dissertação. Como mencionei no capítulo anterior, trata-se de uma questão de posicionamento. Os discursos que evoco na seguinte discussão são enunciados de vários grupos de pessoas a respeito das drogas ilícitas e ser do “grupo dos usuários” (se é que ele existe) me deu uma certa sensibilidade para determinadas análises.

Sendo assim, é melhor especificar melhor o tal “grupo de usuários” em que me encontrava. No início do uso de tóxicos éramos jovens terminando o segundo grau e entrando na faculdade, moradores de subúrbio carioca que começavam a experimentar drogas ilícitas em geral. Nessa fase nos comportávamos como exploradores, abrindo as portas de nossa percepção para essas substâncias proibidas e seus efeitos. A rotinização do uso de tóxicos modificou aos poucos nossa visão das substâncias, dos vendedores, dos policiais e dos não-consumidores (os “caretas”) e gerou em mim uma atenção aos discursos sobre as drogas ilícitas. Convivendo com policiais, com “caretas de classe média”, com muitos usuários de todas as drogas e subindo diversas favelas para comprar maconha e cocaína adquiri um bom conhecimento empírico sobre o campo, que culminou com minha ida para morar dois anos em duas favelas cariocas, a fim de fechar meu campo de estudos sobre o tema. Uma pergunta fica no ar: como você sabe que é do grupo dos maconheiros? Parece óbvio, mas não é. O fato de usar a substância não lhe dá a ideia clara de que agora você faz parte de um grupo. Isso é uma construção lenta que muitas vezes depende de indivíduos de fora do grupo. Certo dia ouvi:

Eita maconhada filha-da-puta! – Foi assim, com essa “delicada” manifestação de desagrado por parte de uma vizinha, que compreendemos que viramos a turminha dos maconheiros no bairro. Já havia passado mais de um ano desde que começamos a fumar e aquilo virou um hábito semanal, assim como o hábito de tomar cerveja ou fazer churrasquinho no quintal. Ela gritou de dentro da casa dela enquanto fumávamos no meu quintal. O interessante é que morei mais de 20 anos nessa casa e a tal vizinha nunca reclamou do futebol, dos ensaios de banda de rock, dos churrascos, da falação alta. Na contramão, o simples cheiro

da maconha fez com que a primeira coisa que ela viesse me dizer em mais de vinte anos de vizinhança foi me xingar de filho-da-puta. E ela conhecia minha mãe. Ela jamais havia se comunicado conosco sobre nenhuma das molecagens e barulhos de uma vida inteira. Foi através desse comentário que realizamos uma leve troca de ideias entre nosso grupo e sacamos que toda a vizinhança nos via daquela forma. Os olhares, a forma como éramos cumprimentados e atos extremos como esse: em pouco tempo eu havia passado para um grupo de pessoas estigmatizadas. As coisas mudam quando você faz parte de um grupo estigmatizado.

Não foi de uma hora para outra que viramos “maconheiros”. A cada dia desvendávamos coisas novas sobre ela: alguém lia uma coisa, outro dizia que estava se sentindo diferente, um terceiro arrumava um fornecedor de outra qualidade, que dava uma “onda” diferente. Formas de fumar para dar menos fumaça, melhor maneira de enrolar para aumentar o rendimento, as melhores “laricas”, as melhores ondas, as melhores músicas pra se ouvir com maconha, os shows de música. Nossas histórias sobre maconha aumentavam, tanto as boas como as ruins. Aquela sensação de rir sem parar que possuíamos meses antes foi sumindo: às vezes, só às vezes, dávamos risadas e agora o “barato” da maconha era bater papo, tocar violão. A droga se tornou mais contemplativa. Mas ainda assim não caía a ficha de que éramos um grupo a parte. Acredito que atitudes como a da vizinha deixaram tudo mais claro. Ela devia estar há tempos querendo falar aquilo.

Às vezes o “eita maconhada filha-da-puta” aparecia, mas a coleção de discursos sobre as drogas é grande e varia de simples preconceitos ao empirismo exagerado, mas dentre eles, um em especial me chamou atenção: o discurso proferido por muitos convivas de classe média em relação aos traficantes e moradores de favelas. Esse discurso (que vem mudando ao longo dos últimos anos) se resumia na época do campo ao que chamei de “eles que se matem”, tema desta dissertação. Esse discurso possui muitas variações, porém basicamente todos podem ser resumidos a ideia de que segmentos da população permitiram que fosse instalada uma luta armada entre traficantes de drogas de favelas na falsa esperança de que eles se aniquilariam mutuamente. A equação “enquanto eles estiverem se matando, está tudo certo”, “menos vagabundo no mundo”, foi utilizada inclusive por policiais ouvidos na pesquisa e assim, o principal agente na possível coibição dessa violência (a própria polícia) foi aos poucos se tornando parte do problema, inclusive, fomentando a violência e fornecendo armas aos traficantes das facções de vendas de drogas nas favelas. O discurso se torna mais equivocado quando remete a qualquer morador de favela: não foi difícil encontrar durante a pesquisa pessoas enunciando “eles que se matem” não apenas em relação aos traficantes de

favelas, mas em relação a qualquer morador delas, legitimando uma violência policial exagerada e desnecessária nessas áreas.

Separo aqui alguns trechos de conversas que contêm um pouco da enunciação em pauta:

“Quantos morreram hoje? É bom que eles continuem assim, enquanto eles estiverem se matando está tudo certo”. – homem após ver imagens de tiroteio em favela na TV.

“Poderiam ter morrido todos e só morreram dois? Um abraço aos amigos do batalhão pelo grande trabalho...” – apresentador de TV.

“A polícia é pé na porta mesmo e sai revirando a casa toda e não adianta nem chorar. E se o cara tiver escondido na tua casa tu ainda apanha. Acho que por eles nós tava tudo morto. Se a polícia e os políticos pudessem deixava a vagabundagem se matando e nós favelados junto”. – conversa com o morador de favela e pai de 3 filhos.

“Então porra! Questão o quê? Tu vai ficar de bucha no meio do tiroteio. Eles que se matem esses filhos-da-puta. Tu vai arrumar merda, eles levantam sua vida e vem atrás de todo mundo” - senhor, ao descobrir que filho frequentava a favela.

“Ainda não gosto de sua comparação, mas entendo. No fim as contas mesmo, por mim eu deixava eles aí se matando. Eles que se matem, esses bandidos. Isso é vagabundo, quer passar a vida sem trabalhar”. - conversa com Major da polícia militar.

“O Pimpão (pseudônimo que uso aqui para disfarçar o nome real do personagem) agora é vereador e tal. Mas as pessoas tem que entender que a milícia é a solução. Não tem assalto, não tem tráfico. Deu mole a gente mata mesmo”. – conversa com miliciano assessor do vereador.

“Acho loucura alguém ir morar na favela. Lá os homens estão a se matar como animais”. - mãe de classe média

“O certo era jogar uma bomba na favela” – militar de cerca de 60 anos.

“Qual o motivo de morar na favela? É vagabundo. Minha empregada mora em Piabetá, demora horas pra chegar no trabalho, mas a casa dela é regularizada. Favela, ou é bandido ou é conivente, pode morrer tudo.” - senhor de 50 anos de idade.

Como podemos perceber o discurso vai desde “deixar eles se matando” e pode se alargar até “vamos acabar com todos eles”. Aqui reduzi, para efeito de análise, o embrião desse discurso na forma “eles que se matem”. Que tipo de discurso é esse? De onde ele está sendo enunciado? Em primeiro lugar falemos de seu tipo. Esse enunciado é um comentário. Foucault em seu pronunciamento, “A Ordem do Discurso”, poucas vezes foi tão claro como ao falar sobre o que é um comentário:

Mas por outro lado, quaisquer que sejam as técnicas usadas, o comentário não tem outro papel senão o de dizer finalmente aquilo que estava silenciosamente articulado no texto primeiro. O comentário deve, num paradoxo que ele desloca sempre, mas de que nunca se livra, dizer pela primeira vez aquilo que já tinha sido dito entretanto, e repetir incansavelmente aquilo que, porém, nunca tinha sido dito.²⁷

O comentário assim é uma forma de por fim ao que estava sendo dito, dizendo de uma vez por todas e, nas vezes que ouvi o “eles que se matem” e suas variáveis, foi mais ou menos nesse tom resumitivo e finalizador que Foucault menciona. Mas qual é o texto primeiro que esse comentário quer resumir? Se ele finaliza repetindo, se ele diz algo que estava implícito no texto primeiro, que texto é esse? Qual emaranhado de ideias pode ser finalizada com o comentário “eles que se matem”? Para responder, procuro enumerar e analisar rapidamente algumas condições de emergência do enunciado em questão. São elas: a proibição indiscriminada de uma gama muito diferenciada de substâncias; a percepção das camadas dominantes acerca da pobreza; a noção dessas mesmas classes sobre segurança pública e, em menor escala, o discurso dos moradores de favela a cerca dos traficantes locais.

2.1 A proibição indiscriminada dos tóxicos

Se as drogas não fossem proibidas, o “eles que se matem” certamente não seria o mesmo (afinal a base que retroalimenta o discurso são as imagens de traficantes de drogas de favelas), mas acredito que para aqueles que usam o comentário aqui em pauta, pouco importa se nas favelas cariocas basicamente só se vende maconha ou cocaína e pouco importa os motivos dessa venda. Nas conversas pude perceber que quem nunca usou drogas coloca todas no mesmo saco e junto com elas, vendedores e usuários. Explico melhor. Como mencionei, meu grupo era de jovens que se achavam exploradores desse mundo das drogas ilícitas, uma espécie de psiconautas, viajantes da mente. Gostávamos de compartilhar experiências de drogas uns com os outros enfatizando conversas posteriores sobre as sensações que tínhamos durante o uso. Sendo assim, uma certa onda analítica sempre acompanhou nosso uso, as conversas sobre os efeitos sempre foram muito valorizadas entre nós. As abundantes análises “drogas e seus efeitos” presentes em grandes livros, internet ou almanaques de banca de jornal têm basicamente o aspecto abaixo:

²⁷ FOUCAULT, Michel - *L'Ordre du discours*, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971. p.7

Estimulantes:

Tabaco - os três principais componentes de um cigarro de tabaco são a nicotina, o alcatrão e o monóxido de carbono, A nicotina atua como um estimulante do coração e do sistema nervoso central. O alcatrão, na fumaça, contém muitas substâncias que provocam câncer e insuficiências respiratórias. O monóxido de carbono reduz a habilidade do sangue em carrear oxigênio para o cérebro ou para os tecidos do corpo, sendo um dos responsáveis pelo desenvolvimento da arteriosclerose (endurecimento das artérias causado pelo depósito de gorduras ou ateromas).

Anfetaminas - muitas vezes utilizadas de forma perigosa em dietas alimentares para o controle do apetite. Conforme as doses, podem provocar inquietação, ansiedade, mudança de humor, pânico, distúrbios cardíacos e circulatórios, pensamentos paranóides, alucinações, convulsões e coma. Quando ingeridas de forma freqüente e em grandes quantidades, podem resultar em um distúrbio muito particular, que é a dificuldade de transformar pensamentos em palavras.

Ecstasy - MDMA (Metileno Dióxido Metanfetamina) - droga sintética, resultado da mistura de anfetamina com um alucinógeno. Age sobre o sistema nervoso central aumentando as concentrações de serotonina e dopamina (neurohormônios cerebrais, responsáveis pela regulação bioquímica do humor). Ao término do efeito, provoca um forte sentimento de depressão. Sua ingestão de forma indevida pode acarretar a morte, devido a um alto grau de elevação da temperatura do corpo.

Cocaína - extraída das folhas da planta da coca, sendo mais comumente utilizada sob a forma de cloridrato de cocaína. Provoca dilatação das pupilas, aumento da pressão arterial, dos batimentos cardíacos, da freqüência respiratória e da temperatura do corpo. Mesmo em pequenas doses, acarreta sentimentos de euforia, ilusão do aumento da capacidade de percepção sensorial, diminuição do apetite e da necessidade de dormir. Inalações freqüentes provocam corrosão da membrana nasal.

Crack - é obtido do pó da cocaína e pode ser fumado em cachimbos especiais. Atinge o cérebro de maneira intensa e perigosa, levando o indivíduo rapidamente à dependência, à loucura e à morte.

Depressores:

Álcool - atua primeiramente nas regiões do cérebro que comandam o autocontrole e a censura interna. Em altas doses, diminui a capacidade de perceber sensações e perturba a coordenação muscular, a memória e o julgamento. Em grandes quantidades e por um período longo de tempo, pode danificar permanentemente o fígado e o coração, além de provocar danos irreversíveis para o cérebro.

Tranqüilizantes e Barbitúricos - são drogas prescritas por médicos para pacientes que sofrem de ansiedade (tranqüilizantes) ou disritmia (barbitúricos). Os tranqüilizantes ficam depositados na gordura do corpo durante muitos dias, se desprendendo lentamente e sendo lançados na circulação sanguínea.

Heroína - droga semi-sintética (produzida em laboratório) e tem, como matéria prima a morfina. É uma droga que tem alto poder para causar dependência física. Conduz, inicialmente, a um estado de lassidão e euforia. Com o passar do tempo de uso, as doses precisam ser aumentadas para se obter o mesmo efeito.

Alucinógenos e Perturbadores

L.S.D. (Dietilamida do Ácido Lisérgico) - é encontrado nos grãos de centeio. Droga extremamente poderosa, sendo efetiva em quantidades muito pequenas (microgramas). Seus efeitos variam conforme a dosagem, a personalidade do

usuário, o momento em que está sendo usada, etc. Basicamente, ela causa mudanças nas sensações (ilusões e alucinações).

Maconha - cigarro feito com folhas, caule, frutos e sementes de uma planta denominada *cannabis sativa*, cujo princípio ativo ou o alucinógeno principal é o tetra-hidrocanabinol - THC . Quanto mais THC tiver o cigarro de maconha, maior o seu potencial psicoativo. Seus principais efeitos são aumento dos batimentos cardíacos, vermelhidão dos olhos, secura na boca e na garganta. Estudos indicam que a droga interfere temporariamente na memória, altera o sentido do tempo e reduz a habilidade para cumprir tarefas que requerem respostas rápidas.

Inalantes - também chamados solventes, caracterizam-se por provocar alucinações, agressividade, além de causar sérios danos ao sistema nervoso, fígado e rins. Os mais conhecidos são a cola de sapateiro, a cola de modelagem, os sprays, esmaltes, gasolina e benzina. Todos os solventes contêm grandes quantidades de chumbo, que podem causar danos irreversíveis nos pulmões, sistema nervoso central, sangue e rins.²⁸

O trecho acima ainda está um pouco mais humanizado, mas basicamente trata das drogas e seus efeitos no sistema nervoso central. Percebi aos poucos que em nosso grupo poucas vezes nossas análises se colocavam da maneira acima. Nossas análises incluíam questões relativas ao que fazer enquanto usamos cada substância: essa é melhor para esportes, essa para ouvir música, essa para festas. E nos comparávamos uns com os outros. Achar que os estimulantes, por exemplo, são melhores para atividades agitadas segue uma lógica que não contemplava nosso comportamento. No mesmo exemplo, alguns de nós gostávamos de maconha para dançar, outros de cocaína, ou seja, depende mais do que cada um acha o que é “dançar” do que da droga em si. Alguns chegam a preferir drogas em forma de pílulas simplesmente pelo fato de “não dar bandeira” na hora de consumir. A minha questão em algum momento passou a focar na proibição daquelas substâncias. A proibição das drogas havia colocado todas no mesmo saco, um saco chamado “drogas” que contêm substâncias completamente diferentes e a sociedade passou a tratá-las como “farinha do mesmo saco”.

Após eu ter virado usuário de maconha e após ter usado LSD, uma mudança crítica operou em minha mente, a questão era: se essas maravilhosas ervas e químicas são proibidas pela sociedade, várias coisas que são boas também estão proibidas por fatores históricos, interesses políticos e econômicos. Cabe a mim agora experimentá-las todas para dar uma opinião mais fiel à realidade, ou à minha realidade. As pessoas em geral estão acostumadas com o discurso de que o indivíduo usa drogas para fugir da realidade e, quando o corpo vai se acostumando às drogas ele precisa ir atrás de substâncias mais fortes. Esse discurso, como bem lembrou Becker, não é baseado em análises concretas e parece ter sido influenciado pelo

²⁸ CALDEIRA, Zélia Freire - *Drogas, indivíduo e família: um estudo de relações singulares*. Fundação Oswaldo Cruz, 1999, p. 10 – 12.

livro “the naked lunch” muito lido na metade do século XX pela classe média americana e européia. Mudar para drogas mais pesadas, ou dosagens maiores, por resistência e tolerância do organismo acontece, mas observando o meu grupo, a transição entre drogas não era fruto da busca pelo mais forte, mas sim a busca pelo novo.

Continuando, como a maconha é uma droga fraca, que tem baixíssimo número de casos de internação voltados a ela em todo o mundo, o jovem é levado a achar que foi feito um “bicho de sete de cabeças”²⁹ em torno de uma substância quase inofensiva. Nesse ponto a maconha é a porta de entrada para outras drogas; não por causa da perda de efeito e pela busca desenfreada por satisfazer tal e qual demanda fisiológica com drogas mais fortes. O jovem que prova maconha pode perguntar a si mesmo se as outras drogas ilícitas, que também foram demonizadas pelos diversos setores da sociedade, também são fracas e prazerosas como a maconha. As drogas ilícitas são um saco de coisas onde há de tudo: psicotrópicos, estimulantes, barbitúricos, inibidores e a única coisa que junta todas essas numa só é a ilicitude da substância ou da forma como foi adquirida. O que a proibição dessas substâncias fez, de acordo com os ouvidos na pesquisa, foi colocá-las em um mesmo grupo com propriedades demoníacas e que devem ser afastadas, expurgadas e eliminadas da sociedade o quanto antes. O efeito das drogas, se são mais fortes ou mais fracas, se atuam aqui ou ali, assim ou assado, foi o que menos afetou na hora da experimentação. O que me pareceu relevante é que o maconheiro, principalmente do grupo pesquisado, quebrou a barreira da ilicitude. Ele fez o mais complexo, foi contra tudo que ele ouve falar na tv, nos noticiários, nos jornais, na família (poucos indivíduos na pesquisa relataram ter pais usuários) e foi usar maconha por um motivo qualquer: porque é proibido, porque tem um amigo que fuma, porque ouviu numa música, e sendo assim, no fim das contas tudo pode ser resumido à curiosidade. Segundo estudo do Escritório Regional do Unodc no Brasil em 2005³⁰, a maconha é a droga ilícita mais consumida, porém é responsável por apenas 1,3 % das internações em hospitais devido ao abuso. Ou seja, é uma droga quase inofensiva e tão proibida quanto o crack.

O fato é que, depois de provar maconha e gostar, muitos dos sujeitos pesquisados simplesmente acharam razoável provar outras drogas ilícitas: só quem vai saber seus verdadeiros perigos e prazeres é quem provar. A maconha foi vista como abrindo as portas para a ideia de que só você pode saber o que é bom e o que é ruim para si, e o consumo varia

²⁹ O termo “bicho de sete cabeças” virou nome de um livro e filme sobre um usuário de maconha que foi internado em hospital psiquiátrico sem motivo aparente. O autor nunca mais se recuperou dos efeitos perversos da internação compulsória em um manicômio e virou um ícone da luta anti-manicomial.

³⁰ UNODC, *Perfil do País*, UNODC. 2005

de pessoa para pessoa e, às vezes, de dia para dia, de circunstância para circunstância, assim como seus efeitos: têm dias que bebemos álcool e ficamos alegres, dias que bebemos e choramos, dias que ficamos valentes. As drogas, apesar de suas propriedades químicas também cedem aos imperativos da cultura que cercam sua utilização; do grupo, do momento, das emoções, das coisas vividas e inconscientes. Essa diferença entre o uso de drogas para além de seus efeitos no sistema nervoso foi bem comentada por Gilberto Velho:

...o tóxico não só tem significados diferentes em função do grupo que o utiliza, como a sua utilização pode ser interpretada por não-consumidores, acusadores em potencial e autoridades de maneira diferente, provocando reações particulares. Mais ainda, embora possam ser estigmatizantes em termos de uma cultura dominante oficial, os tóxicos são manipulados como símbolos de prestígio não só internamente nos grupos estudados, mas como forma de marcar distâncias em termos de relacionamento entre grupos ou estratos sociais distintos. Não é apenas o tipo de tóxico – maconha, LSD, cocaína, Mandríz etc – mas a maneira de utilizá-los, o contexto adequado, o tipo de ritual que vão marcar essas fronteiras. Embora o fato de consumir tóxicos permita a definição de uma categoria – consumidores de tóxicos – isso não expressa muitas vezes o ponto de vista dos grupos investigados, que podem estar, em determinados momentos, tão ou mais interessados em se distinguirem de outros consumidores de tóxicos quanto dos “caretas”.³¹

A conclusão é que nessa proibição, sem saber o que cada coisa é direito, fomos provando tudo, para ver se o que falavam, sobre os riscos, sobre as sensações, eram verdade ou mentira e depois de muitos anos de uso, percebi que o grupo dos “usuários de drogas” só existe em um ponto: na ilicitude. As drogas ilícitas são tão diferentes entre si, e a forma que cada grupo usa é tão diferente que o que faz com que seus usuários compartilhem alguma coisa em comum está nas questões relativas à ilegalidade do consumo. Todos temos um entrave com a polícia para contar. Também percebi que havia uma ligação entre o discurso “eles que se matem” e o uso/venda de drogas. Em algumas conversas pude perceber que o desejo de aniquilar usuários e traficantes era indiscriminado por parte de certos grupos conservadores. E nessa hora, nós usuários, nos tornamos todos farinha do mesmo saco. Quando digo que um dos primeiros fatores para a formação do “eles que se matem” é essa proibição de uma gama muito grande de substâncias é porque grande parte desses indivíduos que enunciam o “eles que se matem” em relação aos traficantes de favelas, também o fazem em relação a qualquer um que utilize ou venda essas drogas. Ouve discursos de morte inclusive em relação aos usuários, coisas do tipo “a culpa é de quem compra, por mim matava todo mundo”. Não acho que a raiva resumida e contida no “eles que se matem” seja só usada para os favelados, ela também poderia ser usada contra qualquer vendedor ou usuário de

³¹ VELHO, Gilberto – *Nobres e Anjos* – Um estudo de tóxicos e hierarquia, p. 204.

drogas. Foi muito abundante ouvir “por mim matava todo mundo”, inclusive em relação aos usuários, porém a realidade é que isso não ocorreu. Na cidade do Rio de Janeiro e acredito que o estudo pode servir de base referência para outros lugares, apesar do discurso “eles que se matem” poder ser utilizado em relação a qualquer membro da cadeia de consumo de tóxicos, ele foi apenas posto em prática nas favelas. Assim, é fundamental essa ignorância indiscriminada sobre as drogas e seus usos para que haja o “eles que se matem”, mas não é uma variável que pode operar sozinha. Os varejistas de drogas do Rio de Janeiro não estavam se matando, e sim, os varejistas de favelas. O “eles que se matem” em relação a cadeia de consumo no asfalto foi enunciado, mas de certa forma não se tornou prática. O discurso encontrava brechas para ser executado: e os artistas que são usuários? E os professores e empresários que são? Onde estão os fuzis desses “drogados” de classe média? Assim o discurso “eles que se matem” vai sendo reforçado em relação às áreas mais pobres e vai sendo esvaziado no asfalto. Mesmo sendo chamado de “financiador do tráfico”, o discurso que pretende punir com morte esse usuário das camadas médias não se torna prática. O usuário do asfalto muitas vezes é citado como um elo ignorante numa cadeia de consumo e que por isso merecia no máximo “uns tapas”. Punição inclusive muito utilizada pela própria polícia ao deparar com usuários de classe média nas blitz da cidade: muitos usuários relataram tomar tapa dos policiais, ou ser forçado a comer toda a maconha apreendida, por exemplo. Isso nos leva a segunda condição necessária para o aparecimento e a repetição do comentário analisado: a percepção que as classes dominantes fazem da pobreza.

2.2 Percepção da pobreza e favela

Um dos temas mais recorrentes em estudos da sociedade é o da pobreza e exclusão. A pobreza sempre esteve presente na história da humanidade e sempre é assunto que vem acompanhado com fortes sentimentos morais. Várias teorias são formuladas constantemente pelos pensadores que buscam controlar e solucionar a pobreza. Mas em geral há uma teoria que se aplica mais ao pensamento do brasileiro das camadas médias e das elites - esses cidadãos que têm, como disse anteriormente, o poder de influenciar as micro esferas do poder para que hajam de acordo com certas leis informais de convívio. Essa teoria, que eles não sabem o nome, mas a conhecem porque está na infância do pensamento sobre a sociedade e, portanto, qualquer pessoa pode acabar desenvolvendo é a teoria de Thomas Malthus: “talvez a

maior parte dos problemas relacionados à pobreza é culpa dos próprios pobres, que não têm determinação e força para trabalhar”. Para Malthus, a causa principal da pobreza era a grande velocidade com que a população se multiplicava, em contraste com a pouca velocidade com que crescia a produção de alimentos:

O problema se resolveria facilmente se os pobres controlassem seus impulsos sexuais e deixassem de ter tantos filhos. Minorar-lhes a miséria só agravaria o problema, pois, alimentados, eles se reproduziriam mais ainda. A melhor solução seria educá-los, para que aprendessem a se comportar; ou então deixá-los à própria sorte, para que a natureza se encarregasse de restabelecer o equilíbrio natural das coisas.³²

Os enunciados que ouvi sobre o tema são: “os pobres vivem e se multiplicam como animais”, “o pobre é vagabundo e não quer trabalhar”, “eu estou pagando meus impostos e ele vive de graça na favela de frente pro mar”, “quem mora na favela é bandido, pois rouba água, luz e não paga contas”, enfim, poderia citar milhares desses discursos do gênero aqui. Um senhor chegou a me perguntar, “mas você sabe qual o percentual de gente que trabalha e mora em favela? Não sabe, mas deve ser menor do que em outros lugares.” O importante é que a visão que alguns pesquisados e muitas vezes até dos próprios pobres que convivi na favela é a de que eles não têm vontade para o trabalho, são malandros e vagabundos ou no mínimo aproveitadores. A classe média e as elites rejeitam vários programas sociais, pois estes “estimulam a vagabundagem do pobre” em troca de votos. Mesmo que para nós, cientistas sociais, essa visão de pobreza esteja completamente ultrapassada, é ela que predomina em muitas mentes. Aliás, tal fato é recorrente nas ciências como um todo. As descobertas científicas e seus estudos apenas pingam, gotejam para o saber do senso comum. No campo dos estudos da pobreza as pessoas ainda estão conectadas ao pensamento malthusiano, pois ele é quase infantil. A culpa da situação em que a pessoa vive é colocada em seus méritos ou deméritos. Se o pobre não vai trabalhar devemos deixá-lo a sua própria sorte. Um discurso é comum: “eu pago meus impostos e ainda pago escola do meu filho, plano de saúde, contas. E o pobre? Não paga nada. Os meus impostos vão todos para os serviços que ele, o pobre, é que vai usar.” Assim “o pobre” vai, dentro do imaginário que fazem dele, se tornando a figura do inimigo do progresso, parasita do trabalho alheio, invasor das grandes capitais, favorecedor da desordem urbana, responsável pela sujeira das ruas, destruição da natureza e da paisagem carioca, multiplicador sem limites da própria pobreza e dos limites dela dentro da cidade.

³² SCHWARTZMAN, Simon. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004 p. 14.

Enfim, o pobre é, para certas camadas da sociedade, o culpado pela sua própria desgraça, pela desgraça dos outros e pelo conseqüente desarranjo na sociedade.

Acredito que esse seja um dos fatores mais importantes na construção das condições necessárias para que o “eles que se matem” vá se tornando uma prática não apenas discursiva, mas um modo de olhar e lidar com a pobreza. É por causa desse conceito de pobreza que a morte do pobre deve ser menos investigada, pois ela é quase pretendida. “Se não houvesse pobres não seria melhor? Conforme eles forem morrendo, melhor para todos”. Aí o comentário entra resumindo, finalizando, esquartejando. No caso de eles se matarem mutuamente, melhor, não precisamos sujar as mãos. Mas infelizmente não é tão fácil assim: alguém tem que sujar as mãos, afinal, de onde vêm as armas? Como garantir que eles não vão atacar a própria classe média? Como mantê-los em “seu devido lugar”? Enfim, seria impossível praticar e perpetuar tal discurso se desde a sua formação ele fosse impossível. Foi preciso a ajuda da instituição que tinha como dever coibir a própria prática desse discurso: a polícia.

2.3 Noção de segurança pública

Da mesma forma que acontece com a pobreza, os estudos sobre segurança pública avançam no mundo inteiro, mas apenas uma parte deles pinga para o senso comum e na verdade esse passa a estar munido de pensamentos quase intuitivos e infantilizados sobre o assunto. Outra contribuição forte para a formação do discurso “eles que se matem” é a visão que certos indivíduos possuem de segurança pública. Nos anos 70, quando essas disputas por bocas de fumo começam e nos anos 80, quando se ampliam, a noção de segurança pública era bem diferente do que é hoje. Possivelmente entre alguns especialistas ela talvez já possuísse os mesmos ideais de hoje: que a polícia deve proteger e servir aos cidadãos, zelar pelo seu direito à vida e a propriedade, etc. Mas não é difícil imaginar que em uma época militarizada pela ditadura o pensamento sobre segurança pública era outro.

Resumindo, o brasileiro adulto, capaz de tomar decisões, emitir opiniões, trabalhar e fazer parte de forma ampla na sociedade havia passado sua infância debruçado sobre as notícias das grandes guerras mundiais. Ainda valorizava-se a força do país, ainda era importante quem “ganha” a guerra, de que lado você está, quem são os inimigos, quem tinha melhores frotas, estratégias, bombas.

Esse mesmo brasileiro, quando jovem, viveu em uma ditadura militar conturbada onde a polícia tinha um papel de oprimir alguns direitos republicanos dos cidadãos. Jovens de universidades e escolas além de vários segmentos da sociedade tinham como inimigos seus policiais. Eles levavam pessoas presas, torturavam, “vinham a cavalos para combater os ideais mais democráticos”. O povo não era algo a ser protegido e sim, a ser controlado. Mesmo assim, grande parte da população aprovava o sistema dos militares por causa do crescimento econômico do Brasil. Os segmentos mais conservadores da sociedade acreditavam que o jovem era vagabundo e que os militares no poder preservavam a “ordem e o progresso”. Ou seja, havia uma polícia forte para controlar certa parte da população e que contava com amplo apoio de outros segmentos nessa tarefa. Até hoje, não é raro encontrar o discurso, até entre jovens, de que “na época dos militares era melhor”.

O resultado desse caldo de cultura, onde uma geração cresceu em meio a guerras entre países e depois passa a ter militares como representantes do poder em seu próprio país é uma visão completamente belicista de segurança pública. É preciso combater os vagabundos, os inimigos. É preciso que as penas sejam mais graves, que as armas sejam maiores, que haja pena de morte, que a força vai restaurar o respeito, que vamos manter os inimigos fora daqui, enfim, o discurso é sempre o de que é necessário mais força, mais combate, mais dureza em relação ao “agressor”. Embora haja uma certa elite intelectual que sofreu com a dureza da ditadura e influencie os poderes a agirem de acordo com os ideais mais humanistas, a visão de grande parte da população ainda é a de que devemos ser duros com os criminosos, sejam quais forem e especialmente os traficantes de drogas. Isso nas classes populares também ocorre, diga-se de passagem. Nas favelas em que pesquisei, a visão de justiça de muitas pessoas ainda é no olho por olho. Nas camadas médias até hoje ainda discute-se penas maiores, diminuir a maioria penal, tornar alguns crimes hediondos e na parte informal fala-se sobre extermínio, tortura e outras práticas equivocadas eternamente utilizadas na “segurança pública”. Vejamos esse trecho:

Um escândalo precursor

O general Amauri Kruel vai ficar na história dos anos dourados como um precursor. Não criou apenas o Esquadrão da Morte. Foi também pioneiro de outra arte moderna – a da corrupção policial. Em 1959, descobriu-se que o grande exterminador de bandidos, o severo chefe de polícia, estava envolvido com corrupção. Era o protagonista de um dos maiores escândalos da história do Rio de Janeiro.

Numa série de reportagens para o Mundo Ilustrado, o repórter Edmar Morel revelava, a partir da denúncia de dois comerciantes, que o chefe de polícia beneficiava-se, junto com o seu filho, o chefe de gabinete Nei Kruel, de nada menos

que nove caixinhas: jogo do bicho, lenocínio, hotéis, ferro-velho, economia popular, cartomantes, aborto, drogas e cassinos clandestinos.

Só a caixinha do lenocínio era alimentada por 250 hotéis suspeitos e rendia para Nei e seus companheiros uma média de 2,5 milhões de cruzeiros mensais...

Embora ameaçado de morte por delegados e detetives, o baixinho e destemido Morel deu nome a todos os corruptos e disse do general Krueel o que se tem medo de dizer de um soldado. Acusou-o de co-autoria em todos os crimes denunciados e responsabilizou-o pelo “clima de insegurança que reina em cada rua e em cada bairro da cidade pela absoluta falta de policiamento”.³³

A passagem acima retirada do livro *Cidade Partida* de Zuenir Ventura é boa para introduzir o assunto. Aliás, o livro traz algumas pesquisas interessantes e algumas descobertas quase “arqueológicas” sobre o assunto, porém eu acrescentaria e mudaria algumas coisas não só à obra de Zuenir, como também à reportagem do Edmar Morel de quem o trecho fala. Começando pela reportagem: é notório que a polícia possui, sempre possuiu e vai continuar possuindo algum envolvimento com alguns crimes. O livro “As causas da pobreza”³⁴ de Simon Schwartzman traz vários estudos que sintetizados deixam a clara ideia de que hoje “a polícia faz mais parte do problema do que da solução”. Mas vamos atentar na matéria acima para quais são alguns dos crimes em que a polícia é parte do problema: jogo do bicho, lenocínio (chamado popularmente de cafetinagem), hotéis, ferro-velho, economia popular (que hoje simplificariamos para camelotagem), cartomantes, aborto, drogas e cassinos clandestinos.

Os crimes descritos como pertencentes a “caixinha” da polícia têm algo em comum: fazem parte de uma rede de produtos e serviços cobiçados por parte da população e não apenas é ato que satisfaz às necessidades materiais do criminoso como num simples roubo ou latrocínio. Aqui gostaria de chamá-los de “crimes bem quistos” por certa parcela do povo. Usar drogas, frequentar prostíbulos, jogar, interromper a gravidez, entre outros, fazem parte de uma série de demandas, que não envolvem diretamente o roubo ou furto de terceiros, a violência a quem quer que seja, a enganação, o sangue, o dano material e moral, a injúria. Estes crimes bem quistos basicamente obedecem às leis da informalidade e se apresentam como vontades de camadas da população, vontades das pessoas em relação a si mesmas que não necessariamente devem agredir aos outros. Acredito que são atividades que estão mais ligadas a uma certa moral e necessitam apenas de regulamentação, mas não é esse o meu ponto. Adiante o jornalista do trecho acima, porém, acusa o policial de coautoria dos crimes e

³³ VENTURA, Zuenir – *Cidade Partida*. Cia das Letras, 1994.

³⁴ SCHWARTZMAN, Simon. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.

responsabiliza-o pelo “clima de insegurança que há devido à falta de policiamento”. Aqui há uma divergência: a falta de policiamento nada tem a ver com as denúncias. Isso não é novo, aliás, é bem antigo, e não é exclusividade do nosso país: a polícia é historicamente mediadora de conflitos que não pode vencer. Ela atua esquadrinhando as áreas de domínios das pequenas máfias, controlando os excessos de violência, cuidando para que não saia de “debaixo do tapete” e, às vezes, torna-se sócia ou, como prefiro chamar, coadministradora. Prefiro usar o termo coadministração em vez de coautoria, como no trecho citado, porque acredito que esses crimes atendem a um sistema e quem estiver em determinadas posições assumirá certas funções ou será substituído, até que comecem as tentativas de mudanças reais no respectivo sistema. Resumindo, coautoria induz muito mais nosso pensamento a estabelecer culpados e, nesse caso, eles são apenas parte passiva de uma lógica perversa entre as leis (sua formulação, seu julgamento e execução) e as ambições da população.

Não é de hoje que os analistas sociais se debruçam sobre o tema do “legal” versus “real” na sociedade brasileira. O hiato que há entre o que é legislado e a capacidade do executivo em cumpri-lo é enorme e geram as famosas “leis que não pegam”³⁵. Essa falta de sincronia envolvendo os três poderes joga nas mãos das pequenas esferas (dos fiscais, dos policiais, dos bombeiros, dos médicos) a difícil tarefa de legislar, julgar e executar segundo normas informais que regem a sua atividade cotidiana. Essa perversa face da nossa república gerou na cultura brasileira uma série de características que são sempre colocadas em pauta, como por exemplo, o “jeitinho brasileiro” e outras que aparecem menos nas análises, mas que aqui pretendo citar com mais força.

A face mais interessante desse sistema perverso é o mito do “bom bandido”. O bom bandido assume várias faces na sociedade brasileira e aqui cito alguns exemplos: é o político que “rouba, mas faz”; o traficante que é bandido social e ajuda nas necessidades dos cidadãos da favela; e o policial corrupto que atende às demandas de certa camada da população passando por cima das leis. Um dos discursos que mais ouvi quando encontrava com policiais em blitz foi: “Já viu PM atrasar alguém”?³⁶ Essa é a frase modelo de um tipo de bom bandido.

Toda a questão do conflito por pontos de vendas de drogas passa pela existência da figura do bom bandido em diferentes níveis. Afinal, alguém tem que fazer o trabalho sujo. A impossibilidade da polícia de prevenir ou coibir certos crimes a faz cuidar apenas das “aparências” para que as macroesferas do poder não tomem ciência (ou possam continuar

³⁵ SCHWARTZMAN, Simon. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004 p. 37.

³⁶ Frase que os policiais militares repetem como um bordão na hora de pedir propina.

fingindo que não a têm) e prossigam com outras atividades que julguem prioritárias. A corrupção atua como maneira de controlar esses crimes, transforma o “coibidor”, em fiscal, e o fiscal em parceiro. Este novo parceiro desses crimes, o policial, em certo ponto possui melhor medida de como agir com as esferas legais do que os outros envolvidos na cadeia de consumo, afinal é parte direta dessas esferas. O resultado dessa pressão da sociedade em cima do policial faz com que ele comece a legislar, julgar e executar de forma diversa dos três poderes estabelecidos na República. A instituição policial acaba se tornando coadministradora de diferentes maneiras de legislar, julgar e executar as punições cabíveis. Como bem mostra o Hélio Luz em Notícias de uma Guerra Particular: “Interessa a população uma polícia que não seja corrupta?” e logo após apresenta uma história simples em que a polícia impede o linchamento de um pivete por seguranças de supermercado e é automaticamente repreendida por vários segmentos daquela sociedade.

O fato de a polícia ser treinada para resolver problemas da classe média e das elites, por fora das leis, faz com que discursos como “eles que se matem” possam rapidamente deixar o plano discursivo e tornarem-se prática.

No caso específico do choque entre “máfias” de vendas de drogas em favelas, a polícia atuou de forma completamente diferente da que costuma atuar com outras máfias. Em vez de entrar em campo, controlando os excessos, delimitando áreas e tornando-se um moderador; tornou-se uma espécie de coadministrador, mas favorecendo o aumento dos conflitos. Em vez de participar do comércio ilegal de drogas, cobrando propinas e estabelecendo limites, passou, além disso, a vender armas que aumentassem o poder de fogo dos favelados. Cada favela possuía algum policial fornecedor de armas para aumentar a guerra contra a outra facção. Às vezes ouvi relatos que o mesmo grupo de policiais vendia armas para ambas as facções e não foram raras às vezes em que a polícia criou situações de antipatia entre as facções para se beneficiar do conflito. Todos os livros das prateleiras das livrarias que tratam do assunto mostram essa façanha policial: Abusado, Cidade de Deus, Meu Casaco de General, Elite da Tropa, além de documentários como o Notícias de Uma Guerra Particular. Durante essa pesquisa, além de todas essas fontes secundárias, tive a oportunidade de conversar com policiais e moradores de favela que relatam o mesmo fato. A guerra entre facções do tráfico passa a ser extremamente interessante para a polícia em um tripé: como representante das vontades da sociedade, como formada por homens da sociedade de consumo que estão buscando a satisfação de seus desejos materiais e como instituição militar em decadência. Quando as máfias de vendas de drogas em favelas começam a se enfrentar, em vez de a polícia acalmar seus ânimos, respeitou mais uma vez os desejos da população e deixou que se

matassem a vontade, inclusive contribuindo para o aumento do seu poder de fogo. O ponto chave é que a partir dos primeiros conflitos passa a ser mais interessante a venda de armas do que a venda de drogas em si.

No caso do tráfico de drogas de favelas e do conflito que se deflagrou entre seus pares, essa foi a primeira opção da nossa sociedade: deixar essas máfias “livres” para que pudessem se degladiar até a morte. A ideia, de que os inimigos vão se anular mutuamente, provou-se pela história um fracasso completo, mas foi ela que dirigiu às ações dos cidadãos e dos policias durante o final dos anos 70 e grande parte dos anos 80 e 90 no Rio de Janeiro em relação aos “favelados”. Aliás, até hoje podemos ouvir esse discurso por aí. Curiosamente, quando alguém me pergunta do que trata minha pesquisa, respondo: tráfico de drogas. Normalmente a conversa continua e me perguntam qual é o nome do trabalho. Eu respondo “Eles que se matem”. O padrão é ouvir o seguinte comentário: “Você está certo. Eles que se matem mesmo.” Depois de estabelecido o discurso “eles que se matem” a cada vez que esse discurso era atendido e as elites viam nos jornais os favelados literalmente se matando, o discurso se retro alimenta.

Um trecho muito esclarecedor de Willian da Silva Lima, um dos fundadores do Comando Vermelho, é bem escrito e mesmo que o Willian seja um criminoso que se considera “irrecuperável”, seus mais de 28 anos atrás das grades lhe conferiram uma grande vivência sobre o assunto. O livro chama-se “Quatrocentos contra um”³⁷:

Na prisão, ‘falange’ quer dizer um grupo de presos organizados em torno de qualquer interesse em comum. Daí o apelido de ‘falange da LSN’³⁸, logo transformada pela imprensa em Comando Vermelho. Que eu saiba essa denominação apareceu a primeira vez num relatório de fins de 1979, dirigido ao Desipe pelo capitão PM Néelson Bastos Salmon, então diretor do presídio da Ilha Grande: ‘Após os assassinatos de setembro de 1979, quando foi quase totalmente exterminada a ‘Falange do Jacaré’, A Falange da LSN ou Comando Vermelho passou a imperar no presídio da Ilha Grande e a comandar o crime organizado intramuros em todo o sistema penitenciário do Rio. Com isso, as outras falanges ficaram oprimidas, passando a acatar as ordens da LSN, sob pena de morte.’ Estava aberta a temporada de caça contra nós, completamente demonizados. As palavras não são inocentes: éramos um comando, o que em linguagem militar denomina o centro ativo, cuja destruição paralisa o inimigo; como se isso não bastasse, éramos também ‘vermelho’, adjetivo que desperta velhos e mortais reflexos em policiais e militares. Coincidência ou não, vivera-se o ocaso da guerrilha urbana, fenômeno que deixara na orfandade um aparato repressivo ainda cheio de vigor, desejoso de exhibições de força e utilidade.

³⁷ LIMA, Willian da Silva. *Quatrocentos contra um*. Ed. ISER, 1991.

³⁸ Lei de Segurança Nacional – o Grupo de que o autor fala estava “erroneamente” enquadrado nessa lei para crimes políticos. Eram assaltantes de banco que, pela isonomia da lei, foram presos com detentos que praticaram o mesmo crime com fins políticos.

O trecho acima fala sobre a necessidade de que haja inimigos, e de um aparato militar repressivo “órfão” da ditadura e cheio de vigor, desejoso de exibições de força e utilidade. Assim foi feito. O pobre assume o lugar de inimigo na sociedade, aliás, ele há muito vinha se tornando o principal inimigo da sociedade, pois “era vagabundo, não trabalhava, não pagava impostos, se reproduzia muito, invadia os grandes centros causando desordem”. Nesse momento, das redondezas históricas do fim da ditadura, o inimigo pobre passa a estar armado, passa a fazer parte do imaginário das pessoas com uma arma na cintura e vendendo drogas. Aí ele passa de inimigo social para inimigo beligerante. A partir de então uma certa visão de segurança pública se junta com uma visão de pobreza e cria-se o inimigo perfeito: o traficante de drogas da favela.

Esse processo se deu sem cabeças pensantes, sem que autoridades maquinassem o ocorrido. É fruto sim do encontro entre as forças presentes em certas esferas da sociedade e que puderam empurrar outros segmentos, como a polícia, para a fomentação de uma guerra entre as favelas e entre elas e a polícia. A ideia de que os pobres devem ser deixados a própria sorte se junta com a briga por pontos de venda em favelas gerando um discurso de “eles que se matem”. A polícia, despreparada, obsoleta, acostumada a atender às necessidades das elites, em vez de cumprir seu papel, ou ao menos tentar controlar as novas máfias das favelas, passa a fornecer armas e a entrar no jogo da guerra, além do jogo das drogas que seria o jogo óbvio a ser jogado.

A ideia de que os pobres são vagabundos aliada à visão belicista de segurança pública contribui para que a polícia auxilie no aumento do conflito através da ideia equivocada de que os traficantes se matariam a todos; a ideia de que os pobres se multiplicam muito através da reprodução e da migração e que isso é um dos fatores de degeneração da sociedade faz com que a visão desses pobres se exterminando uns aos outros seja aceita, desejada e fomentada; a ideia de que a pobreza está ligada à violência faz com que a polícia comece a agir nas máfias das favelas em prol do conflito obtendo ganhos do “arrego” das drogas e da venda de armas.

Tudo isso vem desse encontro onde: uma visão de segurança pública e uma polícia que atende a determinados anseios “ilegais” da população combinados a uma visão de pobreza geram um discurso que fomenta a prática de deixar que as guerras entre as máfias de favelas aconteçam, pois os únicos prejudicados (até então) seriam os próprios moradores de favela que são “coniventes e cúmplices e estão pagando pela vida que escolheram”.

A partir de então as facções de vendas de drogas em favelas entram em uma corrida armamentista pra cada vez mais mostrar superioridade aos seus inimigos. Projéteis de ponta traçante cortam os céus, óculos de visão noturna, fuzis, armas para derrubar helicópteros são

achadas. A polícia passa a contar com aparato bélico cada vez maior para mediar os conflitos a partir do momento que eles se tornam inaceitáveis para o restante da cidade.

2.4 O discurso sobre traficantes varejistas de drogas pelos moradores das favelas

Estamos assim: para formar o comentário “eles que se matem” é necessário uma ampla proibição de tóxicos, uma visão de exclusão do pobre, uma visão de segurança pública como braço informal das classes dominantes. Mas e o morador da favela? Ele não tem papel nessas condições de aparecimento do discurso “eles que se matem”? Não estaríamos assim retirando qualquer papel ativo dos favelados e os deixando como massa de manobra apenas?

Foi com essa pergunta, não tão bem formulada na época, que resolvi morar em favelas durante o campo. Queria observar de perto a relação dos moradores com os vendedores e, como usuário que era, quando subia favela só me relacionava com os traficantes.

Primeiro vamos fazer um breve histórico desses pontos de venda de drogas em favelas que chamamos de “bocas de fumo”.

Vender drogas é uma opção de vida para qualquer pessoa; basta que ela tenha consumido, ou tenha contato com consumidores uma vez, para entender que não é difícil começar seu próprio negócio. Se perguntarmos para alguém: você quer vender drogas? É claro que a maioria das pessoas diria não. Mas podemos entender que após se tornar usuário, uma série de pequenas escolhas pode ir fazendo aos poucos com que a ideia de vender um pouco para “tirar o seu gratuitamente” possa parecer uma pequena continuação do seu consumo em vez de parecer com venda. A partir daí poderemos construir uma cadeia de pequenos fatos que levem a pessoa a tornar-se um traficante. O livro “Meu nome não é Johnny” de Guilherme Fiúza traz a história real de um jovem que comprava drogas com uma senhora de idade em Copacabana e torna-se um grande vendedor de cocaína na Zona Sul do Rio. Seu modo de funcionar é por telefone e entregas da mercadoria. Sigilo e descrição fazem parte do negócio, que em pouco tempo é descoberto pela polícia e passa a funcionar com sua conivência. O livro de Paulo Lins, *Cidade de Deus*, nos relata que o início da venda de maconha nas favelas se dava exatamente como no asfalto: era feita em um apartamento em que há um grande “entra e sai”. Não é difícil imaginar que nas favelas, pela maneira como estão distribuídos os becos e pela distância que possuíam das instituições da sociedade abrangente que nunca vão lá, em pouco tempo os vendedores perceberam que poderiam fazer

aquilo a céu aberto, coisa que os vendedores de classe média dificilmente poderiam fazer no asfalto.

Uma pessoa com quem conversei e que mora há 58 anos na favela, Nêgo, diz que sempre houve venda de drogas; a diferença dos tempos é que antigamente eles (os vendedores) ficavam mais escondidos, não deixavam que as pessoas e, principalmente, as crianças ficassem perto das drogas. Ninguém fumava maconha à vista. Esse senhor entrevistado, que rodava todas as favelas da região onde morava devido ao exercício da sua profissão de entregador de cerveja, acredita que a venda de drogas a céu aberto começou nos anos 70 (ficou em dúvida entre 70 e 80). Mas Nêgo conta que sempre havia emprego para homens como ele: quando ele abria o jornal havia mais de cem vagas para empregos que podia ocupar, desde ajudante de pedreiro a faxineiro, servente, tudo com carteira assinada. Nos anos 80 e 90 havia bem menos empregos disponíveis para o cidadão de baixa escolaridade. A quantidade de homens dispostos a vender a droga foi aumentando. Com a capacidade de colocar banquinhas nas vielas e becos atraindo clientela de todas as partes, os vendedores começam a vender 24 horas por dia, sem descanso, todo o tempo, para todo o tipo de cliente que precisar. Nasce as bocas de fumo. A decisão lenta e gradual de se tornar um vendedor de drogas meio às escondidas, tornou-se agora um emprego. Existe fila de espera para se tornar traficante e o salário é melhor que o da maioria dos moradores da favela. Aquela figura que vendia drogas em um apartamento onde o sigilo é parte do seu trabalho, passa a realizar a venda nos becos aumentando seus lucros e passando a conviver com as questões referentes à sua notoriedade. Ele aos poucos vai se tornando o “coronel” da favela, faz com que parte dos moradores da favela o adorem, passem a gostar de sua presença e relativizem à respeito de suas atividades. A figura sigilosa do vendedor de droga passa a ser um vendedor a céu aberto, dono da boca, e depois “dono do morro”.

A elite intelectual e formadores de opinião podem ser condescendentes com essa típica figura, achando que ele representa um Lampião ou Robin Hood. No documentário “Noticias de uma Guerra Particular” os moradores falam sobre como a polícia passou a respeitar mais os moradores das favelas após a presença de traficantes fortemente armados. Além disso, falam como esses traficantes ajudam na compra de remédios, gás e outros bens importantes na vida de qualquer pessoa. Nas minhas conversas em favelas vários moradores relatam que eles às vezes ajudam muito.

Poderia por um fim aqui com a explicação de que isso explica a guerra das favelas. Começam as banquinhas a céu aberto, ela invariavelmente leva a uma disputa por pontos pela quantidade exorbitante de dinheiro que gera e é daí que vem todo esse conflito entre facções.

Mas não acredito nisso e, como mencionei no início, as drogas por si só são incapazes de justificar o tamanho e os locais desses conflitos. A disputa por pontos é coisa comum em qualquer comércio: legal, informal ou ilegal. Faz parte da forma moderna de comerciar tentar ter mais pontos, mais fregueses, eliminar a concorrência. Não é raro que mesmo em comércios formais ocorram crimes devido à disputa por pontos, mas nos comércios ilegais isso quase sempre é uma norma em algum estágio de “empreendedorismo”. Basta uma olhada em alguns jornais para vermos os crimes ligados à disputa por território nas redes de transporte ilegal (máfia das vans), nos lugares dominados por milicianos, entre outros. De certa forma, nessa hora em que esses crimes que possuem longa carta de clientes espalhados pela sociedade começam a prosperar e a empreender, eles esbarram com outras pessoas que tiveram a mesma ideia e se aproveitaram das mesmas condições de favorecimento da época.

Não são raras as situações onde a polícia entra justamente nessa hora que o conflito começa. A polícia se apresenta como um possível mediador. Tudo para manter o funcionamento de um comércio que ela não tem, como instituição, condições e interesse de parar. A manutenção desse equilíbrio, porém, depende de uma série de fatores que constantemente fogem ao controle das partes, mas que tende a continuar procurando algum equilíbrio. A questão aqui é que nas primeiras disputas por pontos de venda de drogas a polícia não atuou para controlar e sim para favorecer essa luta.

Não vemos homens armados trocando tiros entre banquinhas do jogo do bicho, não vemos vans ilegais transportando pessoas e atirando em outras vans, não vemos donos de prostíbulos, clínicas de aborto se dividindo em facções e matando uns aos outros com fuzis. Mas podemos ter certeza que a polícia também atua como parceiro nesses crimes. Foi no caso específico do varejo de favelas que, após a disputa inicial por pontos e os primeiros crimes que podem ocorrer em quaisquer disputas em quaisquer comércios ilegais, a polícia em vez de atuar como coibidor ou moderador, atuou como incentivador do conflito. As drogas são um perigo indiscriminado e devem ser duramente coibidas, os vendedores são pobres e vagabundos, porque não deixar que eles se matem? Assim a lógica da polícia vai sendo a de deixar as quadrilhas se matando e cada vez mais a favela vai se tornando ambiente livre do estado e de suas obrigações. Aos poucos as autoridades começam a dizer que não fazem obras nas favelas porque não conseguem entrar lá, pois não há segurança. E do lado da favela?

Do lado da favela, apesar da intensificação do conflito, o número de homens dispostos a pegar em armas não para de aumentar, além disso, o morador que está ali no meio do confronto todos os dias não consegue interferir no conflito, não por incapacidade, mas porque isso faz parte da forma como ele criou sua identidade em meio a policiais e bandidos.

Conversando com moradores de favela o mais comum foi encontrar o discurso no formato “se não mexer com eles, eles não mexem com você” e “melhor do que os policiais”. No primeiro discurso percebemos uma clara demonstração de “deixá-los a sua própria sorte”, não interferindo muito em seus assuntos, coisa que em certo ponto se assemelha ao eles que se matem, mas a morte não é tão desejada. Apenas querem ser respeitados e por isso respeitam. Sua maior revolta é quando um trabalhador é morto pelos policiais, “como se fosse um traficante”. Nessa hora eles fecham ruas, queimam pneus, ou seja, querem deixar claro que não podem ser confundidos com traficantes, coisa que para a classe média sempre fez pouca diferença. O segundo discurso, “melhor eles que os policiais”, coloca os traficantes em comparação direta com a polícia, como se eles fosse uma alternativa aos policiais que sempre trataram o morador da favela como vagabundo. Alba Zaluar em “A máquina e a revolta” mostra como a identidade do trabalhador vai sendo construída em oposição a do bandido:

Havia realmente uma guerra entre as três facções de drogas da Cidade de Deus. Mas essa guerra tinha regras que tornavam a sua violência até certo ponto compreendida pelos moradores locais. A guerra era assunto dos “bandidos” apenas. O resto da população vivia seu cotidiano de trabalho e luta para manter uma vida digna. Os jornais confundiam o que para eles deveria estar claramente separado, além de não mostrar o lado positivo do conjunto.³⁹

Além disso, esse bandido, mesmo que identificado de forma oposta pelos trabalhadores, muitas vezes assume o papel positivo de policiamento dentro da favela, não apenas resolvendo conflitos entre os moradores como tentando proteger os próprios moradores da violência policial. Esse papel do bandido também lhe conferiu uma certa imunidade junto aos moradores das favelas e assim de um lado há uma polícia que não tem nenhum interesse em acabar com a guerra entre facções chegando inclusive a fomentar a briga e, do outro lado, os moradores de favela que não se metem nos assuntos dos bandidos, primeiro porque se orgulham de ser trabalhadores e não se misturarem com armas e segundo porque de certa forma veem vantagens em ter um certo “policiamento” realizado pelos traficantes mais experientes, chamados, às vezes, de bandidos “formados”. Esse papel vai sempre se retroalimentando, já que a polícia vai cada vez mais se negando a fazer o papel de polícia nas favelas, mais e mais os traficantes são convidados a cumprir esse papel em meio às suas próprias atrocidades numa relação difícil com os moradores mas sempre considerada melhor alternativa que a polícia.

³⁹ ZALUAR, Alba – ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 13.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada com mudanças de posicionamento do pesquisador, como carioca não usuário, passando por usuário de drogas e terminando como morador de favelas durante dois anos procurou ressaltar a força do discurso “eles que se matem” e suas variações nas implicações relacionadas ao varejo de cocaína e maconha em favelas cariocas. O trânsito em diferentes grupos e, mais especificamente, a condição de usuário de drogas durante anos permitiu a seleção desse comentário “eles que se matem” como sendo de extrema importância para a economia de forças que envolvem as questões de segurança pública na cidade do Rio de Janeiro até o início da chamada “pacificação” orientada por interesses de eventos internacionais na cidade. Esse comentário se repetiu várias vezes em diversos e diferentes grupos, sempre relacionado com a ideia de que seria uma grande vantagem para todos se os “favelados” e/ou traficantes de favelas se matassem uns aos outros. Os crimes em favelas passam a ser pouco investigados, pois são quase pretendidos e a polícia passa a fazer parte do problema cedendo armas para o conflito. Lembro agora de uma cena do Documentário Notícias de uma Guerra Particular em que a entrevistadora pergunta para um menor detido por tráfico: “a polícia vende arma para vocês?” O garoto ri com o canto da boca como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo e responde: “nóis é que num vende pra eles né, tia?”

Durante a pesquisa tentei perceber quais eram as forças que poderiam resultar no comentário “eles que se matem”. Que economia de poderes se dava para que esse discurso pudesse circular livremente e, provavelmente, ter papel nas políticas de estado em relação ao tráfico de drogas. Esses fatores são a percepção dos pesquisados de camadas médias sobre as drogas, sobre pobreza e sobre segurança pública e, por outro lado, a percepção que o trabalhador da favela faz a respeito dos vendedores de drogas locais.

Em primeiro lugar há um desconhecimento generalizado sobre as drogas que faz com que segmentos da população possuam medo e raiva de assuntos relacionados ao tema. Não foi raro ver pessoas proferirem o discurso “eles que se matem” em relação a qualquer membro da cadeia de consumo de tóxicos, mas percebi também que o sujeito tende a focar sua raiva mais em relação ao traficante armado das favelas e em relação aos moradores de lá como cúmplices. Assim, não basta apenas estar inserido na cadeia de consumo para que o discurso se fortaleça, é preciso também estar na favela.

A noção que parte da sociedade faz da pobreza certamente tem muito impacto na formação do “eles que se matem”. De certa forma, acredita-se que o pobre é o responsável pela maioria dos males da sociedade carioca, principalmente nos anos 90. Ele é considerado uma espécie de parasita do sistema público, multiplicador da própria pobreza e do caos carioca. Assim, sua morte vai sendo pretendida e no caso deles matarem mutuamente uns aos outros, melhor. Mas alguém tem que sujar as mãos.

A polícia entra como mais um problema no conflito. Ela começa a satisfazer as vontades das camadas médias e elites (coisa que sempre foi treinada a fazer) e utilizar o “eles que se matem” como política de segurança pública. As imagens de corpos sendo carregados após tiroteios quase sempre vêm acompanhadas de um comentário: “menos um”.

Do outro lado, nas favelas, o trabalhador chefe de família quer de qualquer forma que a polícia e o povo do asfalto parem de confundir o morador de favela com o traficante. Preso numa contradição em que conta com o tráfico local para exercer “policimento” sobre as injustiças dos policiais e dos pequenos criminosos locais, o trabalhador tenta ao máximo viver sem se meter nos assuntos dos traficantes. Não quer ser confundido com a “malandragem” e inclusive mantém o orgulho de ser trabalhador, mas ao mesmo tempo se beneficia da revolta dos jovens traficantes quando estes querem proteger a comunidade da polícia e de outras facções.

Assim sendo, a formação do comentário “eles que se matem” está ligada a uma economia de poderes específica que leva em conta favela, polícia, pobreza e drogas. Essa situação analisada na cidade do Rio de Janeiro pode servir de base para estudos mais profundos na própria cidade ou em outros territórios.

Fica a conclusão de que a tentativa dos moradores de favela de se separar do tráfico local foi considerada vã. A resultante mais utilizada pela polícia sempre transformou a favela em um território aonde qualquer um poderia morrer. A visão de favela que a classe média desenvolveu pautou muito mais as ações de segurança pública nas favelas do que a visão de favela dos próprios moradores locais. Uma pequena guerra entre facções e entre elas e a polícia se tornou frequente e cada vez mais pretendida pelo simples fato de que a morte daquelas pessoas parecia um bem para todo mundo. Mais de trinta anos de intensos conflitos nas favelas passaram até que setores como a mídia comessem a querer separar o traficante do morador em seus noticiários. Perceberam mesmo que tardiamente que essas pessoas não vão se aniquilar mutuamente. Até hoje a polícia age nas áreas de favelas como se todos aqueles moradores fossem criminosos ou cúmplices e o famoso caso Amarildo (quando um trabalhador sumiu após ser averiguado por policias de UPP) mostra que a instituição policial

foi tão acostumada a tratar os moradores de favelas como descartáveis que nem em meio às recentes transformações que a cidade passa no corrente ano ela é capaz de alterar seus métodos.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Caco. *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta*. 2 ed. - Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BECKER, Howard – *Segredos e Truques da Pesquisa*. Zahar.2008.
- CALDEIRA, Zélia Freire - *Drogas, indivíduo e família: um estudo de relações singulares*. Fundação Oswaldo Cruz, 1999.
- CAPOTE, Truman – *A sangue frio*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- DAMATTA, Roberto: *Você tem cultura?* Jornal da Embratel. 1981.
- FIUZA, Guilherme. *Meu nome não é Johnny*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FOUCAULT, Michel - *L'Ordre du discours*, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971
- LIMA, Willian da Silva. *Quatrocentos contra um*. Ed. ISER, 1991.
- GEERTZ, Clifford- *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MILITO, Cláudia – *Voices do meio-fio / Cláudia Milito, Hélio Silva* – Rio de Janeiro : Relume -Dumará, 1995.
- ROSALDO, Renato - *CULTURA Y VERDAD La reconstrucción del análisis social* - Quito-Ecuador , 2000.
- SCHWARTZMAN, Simon. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.
- SILVA, Helio – *A situação etnográfica: Andar e ver*. In **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009
- SOARES, Luiz Eduardo. *Elite da tropa*. Luiz Eduardo Soares, Rodrigo Pimentel, André Batista. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- SOARES, Luiz Eduardo – *Meu Casaco de General*. Cia das Letras, 2000.

TRUZZI, Marcello - *Verstehen: Subjective Understanding in the Social Sciences*. Addison-Wesley Educational Publishers Inc, 1974.

UNODC, *Perfil do País*, UNODC, 2005

VENTURA, Zuenir – *Cidade Partida*. Cia das Letras, 1994.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política*. In: Metodologia das Ciências Sociais. Tradução de Augustin Wernet. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ZALUAR, Alba – ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Filmes

BODANZKY, Laís. *Bicho de sete cabeças*. 2001

SALLES, João Moreira – *Notícias de uma Guerra Particular*. 1998